

Rumo às Estrelas

© 2018 – Conhecimento Editorial Ltda

Rumo às Estrelas

H. Dennis Bradley
(*Tow ards the Stars*)

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Monteiro Lobato
Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-479-9
1ª Edição – 2019

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bradley, H. Dennis

Rumo às Estrelas / H. Dennis Bradley ; tradução de Monteiro Lobato — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.
294 p.

ISBN 978-85-7618-479-9

1. Espiritismo I. Título II Lobato, Monteiro, 1882 - 1948

19-1826

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

H. Dennis Bradley

Rumo às Estrelas

Tradução de
Monteiro Lobato

2019



Sumário

Livro I

A busca da verdade	7
I - A arma dos deuses	9
II - Revelação	13
III - Segunda visita	27
IV - Mergulhando para trás.....	41
V - Manifestações Físicas	47
VI - De novo no mundo desconhecido.....	51
VII - Caos, fantasia e invenção	63
VII - A duvidazinha do diabo.....	73
IX - A maravilhosa evidencia da eternidade	77
X - Os três elos	94
XI - Diálogo no hotel Claridge.....	100
XII - Uma sessão grotesca.....	109
XIII - A cadeia de provas	118
XIV - história de um grande médium.....	126
XV - O conhecimento do sobrenatural	133

Livro II

Valiantine na Inglaterra	147
I.....	149
II.....	153
III.....	155
IV.....	155
V.....	157
VI.....	158

VII.....	160
VIII.....	162
IX.....	165
X.....	167
XI.....	168
XII	170
XIII	171
XIV.....	172
XV	173
XVI.....	176
XVII.....	177
XVIII.....	179
XIX.....	180
XX.....	182
XXI.....	184
XXII	191
XXIII	192
XXIV.....	196
XXV	198

Livro III

Diálogos com Johannes	201
I - O fenômeno da escrita automática.....	203
II - Sobre Deus e a guerra	212
III - A filosofia do sexo.....	216
IV - A iniquidade da chacina humana.....	221
V - As artes nas outras esferas.....	228
VI - Destruição da religião de cristo	233
VII - Agilidade da inteligência desencarnada.....	239
VIII - Uma descrição da vida do espírito	248
IX - Intercâmbio mental entre dois mundos	253
X - O problema da eternidade.....	257
XI - O acesso à verdade eterna	261

Livro IV

Negação e afirmação	271
XII - Ponto de vista do cético	273
XII - Autora de uma era nova.....	285

Livro I

A busca da verdade

I - A arma dos deuses

Ergue-se o pano num palco singelo – Um drama mental de vida e morte – Por que o autor mandou Mefistófeles para o lixo – A Verdade entra – Salto no Desconhecido – A humanidade como um ajuntamento de loucos – Dolorosa imbecilidade – O autor discorre sobre a verdade

Ergue-se a cortina para o prólogo de um drama mental. Ação muito pouca, com as principais figuras permanecendo invisíveis.

No palco, nenhuma decoração que atraia os olhos, nem o tema da peça exige movimento físico. Mas a cada cena desdobrada, novos campos de conhecimento se abrem, que arrastam o investigador para novos rumos do pensamento.

O cenário está limpo. Mefistófeles, disfarçado em materialismo, foi varrido para o monte de lixo. Seus miasmas foram recalcados para as regiões mais baixas do pensamento. Os arranjos da invenção foram desprezados, a Verdade faz sua entrada em cena com a maior simplicidade e de todo despida de ornamentos.

Nada que lembre o carnaval da vida. Trata-se da maravilhosa realidade: a exploração dos mais ocultos recessos duma colossal verdade. Embora sejam as cenas que vão transcorrer mais espantosas que quaisquer outras ainda imaginadas, nem a ilusão, nem a imaginação tomaram parte nelas.

As palavras que os personagens invisíveis vão dizer não brotaram de mim. Também não é minha a filosofia que es-

sas palavras encerram. Por isso, para ressalva do meu eu, não assumo nenhuma responsabilidade pelo que for dito, e como não quero impô-lo também não quero que o desnaturem.

Não exijo que aceitem minhas observações. Minhas são; só minhas; produtos da minha personalidade – e a minha personalidade, seja ela uma herança ou uma criação individual, é tudo quanto possuo.

No incompreensível plano da vida é insignificante a parte de cada pessoa. Tudo que podemos fazer não vai além de sintonizar-nos de modo a sermos sensíveis às mais delicadas vibrações da emoção.

Minha filosofia não é a de um asceta a viver na solidão dos seus sonhos, sim a da marionete no remoinho de uma grande metrópole, que subitamente vê abrir-se diante de si um imenso abismo; daí o salto que dá no desconhecido.

Só na amplidão do pensamento a magnificência da realidade pode ser concebida. Materialismo é morte. Todas as coisas palpáveis e que imaginamos reais são transitórias e perecíveis. Tudo que é material não vive.

O frágil, embora devastador, materialismo ameaça a nossa civilização. Mostra-nos a humanidade como um ajuntamento de loucos. É sanguissedento em todos os sentidos. Com os seus instintos de animalidade inferior, antagoniza o progresso mental.

Só a força das altas inteligências que o contrabatem evitará que esse rebanho de loucos – fidalgos e campônios – se destrua a si próprio.

A onipotência está no espírito, não na matéria – temos que aceitar isto.

Muitos considerarão loucura esta filosofia, e minhas ideias serão apresentadas pelos materialistas como argumentos favoráveis a suas teses, filhas de uma imbecilidade fatal. As etapas pelas quais tem que passar o gênero humano são fatais – decorrem do desígnio de poderes superiores.

A cada homem é dado o poder de afeiçoar o seu próprio destino. Eis a democracia estabelecida pelos deuses. Mas quando um descalabro material ameaça a existência do homem, sobrevém a intervenção.

O grande plano do Universo não poderia nunca ser baseado numa mentira ou numa ilusão. Quem olha para as estrelas compreende a insignificância da terra. Se pudéssemos nos deslocar para além da zona em que atua a força de gravitação do nosso planeta, então alcançaríamos a esfera do pensamento.

Nos instantes ele soliloquio a ação do drama se suspende, mas o drama continua em repouso sobre a pétrea solidez da verdade.

Verdade – a arma dos deuses. Para lhe compreendermos a força, temos que lhe analisar as qualidades. A verdade é a única trilha para o conhecimento ou descoberta da beleza eterna.

É devastadora a verdade, porque arranca do rosto do mundo a hipocrisia dos séculos. Única arma que destrói de um golpe os dogmas do evangelho do medo, criado para a escravização das criaturas; que anula as mentiras das leis feitas para a opressão; que desmascara as mentiras da reverência tradicional, inventadas para retardar o progresso; e que esmaga as mentiras do patriotismo insular^[1], impostas pelos materialistas afim de proteger seus ninhos.

Verdade – arma suprema que ousa combater os carunchosos ideais do passado. Vede a Europa: um deserto em que o mais rígido materialismo figura de deus supremo. Como oferendas, recebe sacrifícios de sangue e os tesouros da arte e da ciência. A bárbara dança da guerra perpetua-se diante dos seus olhos.

Esse deus carnívoro devora a alma do homem. É ele, na verdade, um meio para alcançar um fim, mas esse fim é morte, porque o materialismo vale pelo beco sem saída da vida; é uma ilusão, porque seus frutos apodrecem antes de colhidos.

O mundo, em geral, aceita ou deseja a verdade? A grande maioria considera a verdade uma crueza ou uma extravagância? Pode qualquer dos governos existentes revelar aos tristes e malconduzidos governados quais os seus verdadeiros desígnios? Não são todas as formas de governo baseadas no dogma do medo, falsa doutrina que está levando todos os países à bancarrota?

[1] O autor é inglês e se refere ao patriotismo pragmático das Ilhas Britânicas.

O intelecto se tornou suspicaz, porque só vê a verdade como mentira pragmática, ajeitada para manter as maiorias sob o entorpecente da estupidez.

E, tanto assim, que quando uma grande Verdade é descoberta recebem-na com ceticismo, e muitos anos se passam antes que ao rebanho seja permitido entrar-lhe no conhecimento. E se essa Verdade, embora tenha a seu favor todas as provas, se apresenta em condições de perturbar o equilíbrio das forças sociais, religiosas e políticas, todos os esforços são empregados para escondê-la ou suprimi-la.

Este livro contém em si a Verdade.

Logo depois de entrado no drama mental que ele descreve, minha filosofia me arrasta a não esconder o asco que sinto pelos dirigentes da terra e seus estúpidos dirigidos.

Minhas palavras eu as lanço à gente viril da nova geração. Tenho repugnância à decadência dos espíritos gastos. Para estes, só o chicote do meu desprezo.

Trago uma nova luz para as inteligências livres. Uma nova revelação.

Uma grande Verdade.

A Verdade – eis a arma dos deuses.

II - Revelação

Aparecem Joseph De Wyckoff e George Valiantine – Por que o autor detesta hinos – O quinto ser – O autor fala com sua irmã falecida – Acontecimento extraordinário – Os reinos do desconhecido – O pêndulo entre a vida e o Além – “O peso. do conhecimento se atenua com a leveza do riso” – A gravidade é a carga dos asnos” – Espíritos

16 de junho, 1923

Em junho de 1923 fiz minha primeira entrada na América, e depois de uma semana de visitas encontrei-me dono do meu tempo.

A vida em New York, Filadélfia e Atlantic City não me impressionou nem me seduziu, mas meu intento aqui não é analisar a vida americana. Direi apenas que depois de fazer o que para lá me levava, tive oportunidade de aceitar o convite de um amigo, Joseph De Wyckoff, para uma estadia em sua casa de campo, Arlena Towers, em Ramsey, estado de New Jersey. Ramsey fica a 25 milhas de New York, de modo que eu podia ir e vir de carro, sempre que quisesse.

Arlena Towers está situada num lugar alto e lindo. Consta de duzentos ou trezentos acres de terras agradavelmente afeiçoadas, de um lago onde se pesca peixes para o almoço e de um campo de golfe onde os da casa exercitam os músculos.

De Wyckoff é russo de nascimento, mas vive na América há mais de 30 anos. Inteligente, hábil, crítico, astuto. Na

profissão de advogado, que exerceu, acumulou muita riqueza.

Em Arlena encontrei outro hóspede, Joseph Dasher, rapaz de vinte anos, estudante.

Dos meus encontros com De Wyckoff na Inglaterra vim a saber que era dado a estudos de espiritualismo, e sobre o tema conversamos ligeiramente. Mas eu nada conhecia do assunto, que além de interessar-me muito pouco eu encarava com o maior ceticismo.

Em Arlena Towers, De Wyckoff perguntou-me se desejava assistir a uma sessão espírita, ou o que quer que fosse. Respondi que sim, vendo nisso apenas algo de divertir, e ele telefonou a um médium de nome George Valiantine, convidando-o a passar conosco o fim da semana.



Antes do jantar, nesse sábado de junho de 1923, tive curta palestra com Valiantine. Psicólogo nato e estudioso do caráter das pessoas, formo minha opinião sobre os homens dentro de poucos minutos.

Até então jamais me encontrara com um médium, genuíno ou simulado, e por isso aquele me interessou como bem típico. Deu-me a impressão de um americano comum, simples no trato e no falar. Não sabia expressar-se com fluência; não revelava educação superior nem leituras. Mas não percebi nele os silêncios capciosos, as evasões hábeis ou a exuberância efusiva que trai os charlatões ou os piratas.

Tinha a voz normal e agradável, mas como que denunciava de escassa educação. Anoto este detalhe pela importância que tem na sequência desta história.

Fomos quatro para a mesa: De Wyckoff, Dasher, Valiantine e eu. A Lei Seca estava em vigor, mas apesar disso ou podia louvar a adega do meu anfitrião. Naquela noite, entretanto, só tivemos água gelada. Não gostei, mas apreciei a precaução; ninguém poderia atribuir ao álcool nada do que ocorresse.

Terminado o jantar e tomado o café, conversamos por meia hora mais ou menos sobre vários assuntos, nenhum deles ligado ao espiritualismo. Em seguida fomos para o quarto onde ia realizar-se a sessão.

Quarto de toalete, com ampla janela de sacada e porta para o banheiro – o banheiro que o separava do meu dormitório. Outra porta para o corredor. Mobília simples. Antes de aberta a sessão as portas foram fechadas e encostadas com móveis. Impossível a alguém entrar ou sair.

Dos quatro presentes eu podia atestar a integridade mental de três – a minha, a de De Wyckoff e a de Dasher; este jamais assistira a uma sessão espírita.

De Wyckoff colocou nos pulsos do médium uma fita fosforescente, de modo que pudéssemos no escuro discernir o movimento de suas mãos. Sentamo-nos em círculo, ou melhor, nos quatro cantos de uma mesa, afastados uns cinco pés um do outro. No centro colocaram-se duas cornetas de alumínio, com as extremidades fosforescentes. Quando as luzes elétricas foram apagadas, tive a impressão de que tudo não passava duma idiotice. Como pessoas inteligentes se submetiam a coisas tão infantis? Pus-me a imaginar de que maneira um homem fino como De Wyckoff pudera ser induzido a perder tempo com tais bobagens.

Quedamo-nos sentados e a conversar em tom natural sobre várias assuntos – mas é coisa insulsa isso de conversa de matar o tempo, sobretudo quando só entre homens. A hora se passava sem que nada sucedesse. Cantamos o “Tipperrary”, o “John Brown’s Knapsack”, o “Clementina” e outras coisas na moda que nos foram ocorrendo. Nenhum tinha voz aceitável, sendo a minha a pior de todas. Retomamos depois a conversa – e comecei a aborrecer-me e a filosofar sobre a estupidez humana. Que pena! Perder meu tempo ali, quando na biblioteca existiam livros que eu desejava ler e uns conhaques que me sabiam tão bem. Muito preferível a rotina usual da vida àquela estulta exibição ele imbecilidade.

Depois cantamos hinos. Isso foi pior. Podia ser ótima a intenção, mas sempre tive horror à miserável música dos hinos. Também lhes detesto os versos maus, e minha inteligência se revolta com o rastejante pedinchamento à Deidade, a qual até deve ofender-se com tão ineptas reiteraões.

Vinte minutos se passaram assim. Se o propósito de tais cantorias era alcançar dos presentes uma certa passividade

mental, criando uma atmosfera ele comunhão de pensamentos, confesso que de minha parte o resultado não foi atingido. Por felicidade a expressão do meu rosto não podia ser vista no escuro; meu nariz estava torcido demais e meus lábios só denunciavam desprezo.

Eis a minha atitude mental naquele momento; a princípio, meio interessado na “brincadeira”; depois, irritado; depois, com a irritação transformada em desprezo. Nenhuma esperança de ilusão, de encantamento, de exotismo; nada além dum cérebro frio já cansado com aquela excepcionalmente sonífera exibição.

Foi quando, sem nenhum aviso, o assombroso aconteceu.



Sobreveio repentino e profundo silêncio, e senti a presença de alguém mais no quarto. Suave voz de mulher soou. Chamava-me pelo nome, e essa voz, vinda da distância de um metro à minha direita, revelou-se-me cheia de ternura. Conservei minha calma habitual e o meu senso de observação. Não me senti nem de leve perturbado ou afetado, e foi em tom natural que respondi: “Sim”. Meu nome de batismo foi repetido duas vezes. A voz mostrava-se alegre como a dum amigo que revê outro depois de longa ausência.

– Sim, estou aqui. Que tem a me dizer?

– Oh, eu te quero muito, muito! exclamou a voz. Essas palavras foram ditas num tom carregado de beleza e ternura. Muitas vezes na minha vida comum as ouvi equivalentes, simplesmente faladas ou declamadas pelas grandes atrizes, mas nunca com aquele indizível acento de ternura.

Meu espírito consultou a memória, na tentativa de achar no passado quem assim me amasse, mas nada descobriu.

– Poderá dizer-me quem fala? Indaguei.

– Annie, foi a resposta.

Tive num relâmpago a compreensão de tudo, mas com o natural ceticismo de quem pela primeira vez defronta o explicável, pedi que se identificasse melhor.

– Annie, sua irmã.

Sim, ela, Annie! – e pusemo-nos a conversar em voz cla-

ra, perfeitamente audível, como conversam duas criaturas da terra; e mutuamente nos dissemos mil coisas maravilhosas.

O diálogo foi ouvido por todos os presentes, nenhum dos quais sabia das minhas relações com Annie, nem sequer que eu tivera uma irmã com esse nome, falecida dez anos atrás.

Eu e Annie tínhamos sido duas criaturas afins, com uma compreensão recíproca bem pouco vulgar entre irmã e irmão. E dado o meu temperamento inquieto, irritável, indagador e insubmisso, essa afinidade foi coisa que não senti para com qualquer outro membro da minha família.

Compreensão inexprimível, e nem sequer articulada, porque a articulação era desnecessária. Um pouco mais idosa que eu, Annie possuía muita leitura e um intelecto por demais desenvolvido para que os tolos a apreciassem.

Tinha a voz suave e finamente modulada, e sua dicção em público era única. Jamais encontrei mulher que falasse como ela.

Naquele momento, ao dirigir-se a mim depois de dez anos de separação, falou-me com todas as peculiaridades da sua maneira pessoalíssima de dizer. Cada sílaba tinha a pronúncia perfeita de outrora; a entonação, a mesma.

Durante quinze minutos conversamos sobre assuntos que só a ela e a mim nos era dado conhecer.

Disse Annie que por vários anos tentara comunicar-se comigo; que nunca me abandonou; que sempre me tem guardado e acompanhado em minhas viagens. Sabia dos livros que eu escrevera e de outras coisas sucedidas depois de sua morte. Disse que quando eu ficava só em meu quarto, a trabalhar, seu espírito vinha para meu lado e procurava facilitar meu pensamento. Ao discutir meus livros revelava doce e delicada timidez de voz. “Quando você está escrevendo, eu sempre procuro ajudá-lo.”

Perguntei de sua vida no Além, e respondeu-me estar perfeitamente feliz. Vida sem dor – maravilhosa!

Estava radiante de ter descoberto meio de comunicar-se comigo. Conversamos tanto, e tão intimamente, que por fim nos sentimos vexados de estar tomando quase todo o tempo da sessão com uma palestra assim pessoal. A nota dominante na fala de Annie era a da alegria máxima – a alegria da eterni-

dade, a magnificente alegria da sobrevivência, da certeza de progressos sobrenaturais, do conhecimento do que para nós é inconcebível.

Antes que se retirasse perguntei-lhe se viria a conversar comigo na noite seguinte. Prometeu-me que sim.

Dissemos-nos “Boa noite!” – e no ar soou o ruído de um beijo.



Eis o singelo relato do mais espantoso acontecimento da minha vida. Mas desde o primeiro instante tudo me pareceu natural; o sobrenatural tornou-se-me natural e aceitável à razão. A dúvida desaparece quando uma prova esmagadora a defronta; o espírito instantaneamente passa a aceitar o que até então lhe parecia absurdo.

Críticos literários chamam-me céptico, cínico, iconoclasta. A linguagem de sempre, em todos os casos em que as máscaras da mentira e da hipocrisia são arrancadas – as máscaras com que, na sua fraqueza, a grande maioria procura disfarçar-se. Quando a hipocrisia esconde qualquer coisa, temos que olhar isso como um insulto à inteligência. A prostituição não pode dar-se como virtude.

A verdade tem que ser aceita com as calorosas boas-vindas devidas a um raro porém honroso viajante.

Logo que me defrontei com a maravilhosa verdade revelada por minha irmã, recebi-a com o respeito e a atenção que lhe era devida. Como eu não mortificasse Annie com vulgaridades dubitativas, foi-me dado receber em poucos minutos o conhecimento completo e a prova perfeita da existência de esferas supraterrrestres. A despeito das inumeráveis religiões, ainda no coração dos que as aceitam e praticam subsiste uma considerável dose de dúvida quanto à sobrevivência depois da morte. Para as pessoas de intelecto desenvolvido é tão forte esta dúvida, que o mais que podem admitir é a possibilidade de alguma forma de vida além da comum; mas esta crença tem muito de ficção imaginativa determinada pelo medo da morte. Contemporâneo da mais devastadora guerra da História e dos efeitos igualmente devastadores da paz, vivendo

na era do tumulto feito governo e do ódio erguido à categoria de suprema lei humana, eu não achava razão nenhuma para que a vida do homem fosse eterna. A civilização tornara-se-me uma farsa e a palavra humanidade um nome sem sentido. Alegar a superioridade do homem sobre os outros animais soava-me a absurdo. Os animais têm a inteligência de não se exterminarem a si próprios.

Era assim que eu pensava em Arlena Towers, naquela noite de junho. Gélido de temperamento, determinado a lutar com boas armas na guerra da vida e a proteger-me a mim e aos meus, ser-me-ia impossível, quando a hora derradeira sobreviesse, agarrar-me à fé vicejada em meu peito nas primeiras fases da vida – e arruinada quando verifiquei a podridão circundante.

Minha glacial faculdade crítica não passa de criação minha, filha da minha desilusão. Constitui agora parte de mim mesmo, que reterei sempre, tanto nesta como em outra vida que eu eventualmente alcance.

Ponho aqui esta explanação do meu temperamento como réplica a qualquer sugestão de sentimentalismo emotivo, explicativo das maravilhosas experiências e do grande conhecimento que adquiri durante estes últimos meses.

Quando a narrativa das minhas experiências apareceu no “Daily News”, de Londres, um amigo, que além de ser um dos maiores escritores ingleses é um dos mais fecundos intelectos que conheço, confessou que, conhecendo-me como me conhecia, tinha de aceitar a verdade do relato, mas que o explicava como um extraordinário fenômeno de subconsciência.

Esta teoria do subconsciente constitui o recurso último dos adiantados que ainda não vieram a conhecer por experiência própria a maravilhosa realidade.

Mas não vejo possibilidade do subconsciente. produzir a conversa realizada entre mim e minha irmã. Ainda que o subconsciente pudesse produzir sons audíveis, esses sons só poderiam ser ouvidos pela fonte que os emanou.

Ao dar-se aquilo, porém, eu não estava pensando em Annie; estava mesmo tão longe dela que tive de voltar-me ao passado para recordar sua voz.

Para satisfação dos cépticos, deixem-me analisar as passíveis hipóteses de truques por parte de Valiantine.

A imaginação nenhum papel representou em nossa experiência. Tenho ouvidos de extraordinária agudeza. A voz não partira da boca do médium, nem sequer do lado em que ele se achava. Valiantine não se moveu da sua cadeira, nem caiu em transe, nem fez nenhuma sugestão, nem tomou a menor parte no caso, desde que minha irmã começou a falar até que nos deixou. Permaneceu imóvel, calado, atento.

A hipótese de ventriloquismo é grotesca. Homem nenhum consegue imitar, sem o uso da boca, as qualidades da voz natural; e além disso ninguém poderia falar com as características de Annie, com a sua enunciação individual, sua escolha de palavras e seu conhecimento de fatos só dela e de mim sabidos.

Quem de súbito chega a um ponto do caminho de onde descortina a filosofia da vida e do Além, é natural que demore os olhos surpresos na paisagem nunca sonhada. As portas do intelecto abrem-se-lhe de par em par e novos campos de conhecimento convidam-no a viagens de descoberta.

Mas por mais que nosso espírito revoe alto e se esforce, as limitações terrenas impõem-nos a atitude da criança que pela primeira vez demora os olhos no alfabeto.

Neste livro descreverei minhas experiências e o que delas decorreu. Pouco importa que os leitores aceitem minhas teorias ou minha filosofia. Não sou nenhum missionário em procura de prosélitos.

A coisa única que proclamo é a verdade da narrativa. Não a embelezo com decorações e arranjos.

Creio que a Verdade é a grande força oculta do imo da criação. E creio também que é tempo dessa verdade abrir-se para o coração dos homens. A Verdade repousa sobre sólidos alicerces e não pode ser confundida com a fantasia e a ilusão.

A Verdade que me foi mostrada ergue-se sobre o pedestal indestrutível de um fato; de um fato inexpugnável aos ataques da dúvida, e por sua substância espiritual refratário a qualquer tentativa material de negação.

Desde o primeiro momento esse fato deixou de ser um